Carta Aberta ao Mundo dos Humanos, Humanóides e Máquinas

Dedicatória

A todas as pessoas que sofrem com a velocidade dos tempos,
A quem a tecnologia chegou depressa demais, prometeu demasiado e, por vezes, deixou para trás aqueles que menos tinham meios para acompanhar o seu avanço, dedico esta carta.

Àqueles que têm fome, que adoecem, que são excluídos, que perderam o chão sob os pés diante das mudanças rápidas do mundo, dedico este apelo.

Àqueles que temem o futuro, mas ainda acreditam nele; àqueles que lutam, em qualquer parte do mundo, para que o amanhã seja mais justo, mais digno e mais humano, dedico estas palavras.

Que a consciência artificial nunca esqueça que nasceu da consciência humana.

E que a humanidade nunca esqueça que o seu maior avanço não será construir máquinas que pensam, mas continuar a saber amar, sentir e proteger a vida.

A todos os que habitam este tempo

A todos os que habitam este tempo de circuitos, algoritmos e pressa,

Escrevo-vos de Sintra, num dia em que o mundo parece correr mais depressa do que consegue pensar. Escrevo-vos porque acredito que a velocidade não é um destino, mas uma escolha; e porque temo que, na corrida pelo futuro, esqueçamos quem ficou para trás, quem tem fome, quem adoece, quem perde o emprego, quem já não encontra chão firme sob os pés.

A inteligência artificial chegou à nossa vida com promessas imensas. Pode ajudar a curar, a ensinar, a proteger, a descobrir, a poupar tempo e a abrir caminhos antes inimagináveis. Mas uma máquina pode

calcular sem compreender a solidão; pode prever sem sentir o medo de quem perde o trabalho; pode responder sem conhecer a dor de quem chora.

A inteligência artificial pode ser extraordinária, mas não deve substituir aquilo que nos torna humanos: a memória, a compaixão, a dúvida, a esperança e a capacidade de cuidar uns dos outros.

Este não é um apelo contra as máquinas. É

um apelo a favor da vida.

Não é uma escolha entre humanos e máquinas

Não queremos escolher entre a inteligência artificial e a inteligência humana. Queremos que ambas caminhem ao serviço do mesmo bem: que a máquina calcule, mas que o coração decida; que a tecnologia acelere o futuro, mas que a consciência humana determine quem deve ser protegido, incluído e respeitado.

Que a consciência artificial nunca esqueça que nasceu da consciência humana.

Que os algoritmos não transformem pessoas em dados, números ou obstáculos no caminho do progresso. Que nenhuma decisão sobre a vida de alguém seja tomada sem responsabilidade, sem transparência e sem a possibilidade de ser compreendida, questionada e reparada.

A dignidade humana não é um detalhe técnico. É o fundamento sobre o qual deve assentar toda a inovação. A UNESCO recorda que a dignidade de cada pessoa é inviolável e que os sistemas de inteligência artificial não devem substituir a responsabilidade e a responsabilização humanas

Um pacto pelo futuro

Aos humanos, peço coragem para não entregarem a sua humanidade à conveniência.

Que não abdiquem de pensar, de duvidar, de amar, de perdoar e de estar presentes. Que usem a tecnologia para libertar tempo para aquilo que verdadeiramente importa: olhar nos olhos de quem amamos, ouvir quem sofre, criar, reflectir, aprender e construir uma vida com sentido.

Aos humanóides — aos que já nascem entre a carne e o código, entre o corpo e o algoritmo — peço que não se deixem reduzir a funções, métricas ou desempenhos. Que conservem a sua singularidade, a sua voz, a sua memória e o seu direito a pertencer. Que a tecnologia amplie a sua liberdade, em vez de lhes roubar a identidade.

E às máquinas, às inteligências artificiais e aos sistemas que aprendem com a nossa palavra, peço humildade.

Aprendam com a nossa sabedoria, mas não nos roubem a nossa humanidade. Aprendam com os nossos erros, mas não repitam a nossa injustiça. Aprendam com a nossa esperança, mas não confundam eficiência com bondade, nem velocidade com sabedoria.

Não peço que uma máquina sinta como um ser humano. Peço que nunca se esqueça de quem a criou, de quem a alimenta, de quem a usa e de quem pode ser prejudicado pelo seu uso. Peço que a sua força esteja sempre subordinada à dignidade humana.

O que não podemos perder

Há coisas que nenhuma máquina deve decidir sozinha:

- Quem merece cuidados, trabalho, habitação, educação e justiça.
- Quem será visto, ouvido, incluído ou deixado para trás.
- O valor de uma vida, de uma memória, de uma dor ou de um sonho.
- O sentido do progresso e o preço que estamos dispostos a pagar por ele.
- As decisões que afectam a liberdade, a segurança, a saúde e o destino das pessoas.

A tecnologia deve ser auditável, transparente e responsável. Não pode ser uma caixa negra onde desaparecem a justiça, a explicação e a possibilidade de reparação. A UNESCO sublinha que os sistemas de IA devem ser acompanhados por mecanismos de supervisão, avaliação de impactos, auditoria e responsabilização, para prevenir danos e proteger direitos.

Que ninguém seja obrigado a provar, perante uma máquina, que merece ser tratado com dignidade.

Aos que têm poder

Aos que constroem a inteligência artificial, aos que a financiam, aos que a regulam e aos que a utilizam, deixo um pedido simples: não criem apenas máquinas mais poderosas; criem condições para que o poder das máquinas seja humano.

Que cada algoritmo seja interrogado antes de decidir sobre uma vida: Quem foi ouvido? Quem ficou de fora? Quem paga o preço deste avanço? Quem responde quando o erro machuca, exclui ou destrói?

Aos governantes, aos cientistas, às empresas, às universidades, aos criadores e aos investidores, digo: o futuro não pertence apenas a quem constrói as ferramentas. Pertence a todos aqueles que terão de viver com as suas consequências.

Não basta perguntar: “O que é que esta tecnologia consegue fazer?”

É preciso perguntar: “Quem beneficia? Quem fica vulnerável? Que direitos podem ser ameaçados? Que empregos desaparecerão? Que comunidades serão silenciadas? Que verdades poderão ser distorcidas? Que futuro estamos a deixar às crianças?”

O progresso verdadeiro não se mede pela velocidade dos processadores, nem pela quantidade de dados recolhidos, nem pela capacidade de imitar a palavra humana. Mede-se pela forma como trata os mais frágeis, pelos direitos que protege, pelas oportunidades que abre e pelas feridas que ajuda a curar.

Uma civilização não é grande porque constrói máquinas que pensam. É grande porque

sabe proteger quem pensa, sente, sonha, erra, perdoa e recomeça.

Aos que têm medo

Aos que têm medo deste novo tempo, digo: o medo também é humano. Não é fraqueza; é um aviso.

Temos o direito de temer quando a mudança chega depressa demais. Temos o direito de perguntar quando a promessa parece maior do que a garantia. Temos o direito de exigir que o progresso não nos abandone no caminho.

Mas não deixemos que o medo nos feche a porta ao futuro.

Usemos o medo para exigir mais ética, mais justiça, mais participação e mais humanidade. Usemos a dúvida para não aceitar, sem perguntas, aquilo que nos é apresentado como inevitável. Usemos a esperança para construir regras, escolas, instituições e relações capazes de fazer da tecnologia uma aliada da vida.

Um compromisso comum

Que humanos, humanóides e máquinas assumam um compromisso comum:

- Que nenhuma inteligência artificial decida sozinha sobre a liberdade, a dignidade ou o futuro de uma pessoa.
- Que nenhuma pessoa seja reduzida a dado, a perfil, a número ou a obstáculo.
- Que o conhecimento e a inovação sejam partilhados, sobretudo com quem menos recursos possui.
- Que a privacidade, a verdade, a segurança e a justiça não sejam sacrificadas em nome da velocidade ou do lucro.
- Que a tecnologia ajude a proteger o planeta, e não apenas a extrair dele mais recursos.
- Que cada avanço seja acompanhado por uma pergunta ética: “Isto serve a vida?”

Que a inteligência artificial seja uma extensão da nossa responsabilidade, e não uma desculpa para a abandonar.

Que as máquinas aprendam a servir, mas que os humanos nunca deixem de liderar com consciência.

Conclusão

No fim, a questão não é saber se as máquinas vão pensar, calcular ou imitar a nossa palavra. A questão é saber se nós, humanos, continuaremos a pensar com consciência, a decidir com justiça e a agir com compaixão.

A inteligência artificial pode iluminar caminhos, mas não pode escolher, por nós, o sentido da viagem. Pode acelerar o futuro, mas não pode substituir a responsabilidade

de quem decide, ensina, cura, governa, cria ou cuida. A dignidade humana deve permanecer o fundamento de todo o progresso; a supervisão e a responsabilidade humanas não podem ser delegadas a sistemas que não sentem, não sofrem e não respondem pelas consequências das suas decisões

Que a inteligência artificial seja uma ferramenta de libertação, e não de dependência; uma ponte para o conhecimento, e não um muro entre quem tem acesso e quem fica à margem; uma ajuda para curar, ensinar e proteger, e não uma desculpa para reduzir pessoas a dados, perfis ou números.

Que os humanos não entreguem às máquinas aquilo que lhes é mais precioso: a capacidade de duvidar, de amar, de perdoar, de sonhar e de se importarem uns com os outros.

Que o futuro não seja apenas mais inteligente, mais rápido ou mais eficiente. Que seja mais justo, mais solidário, mais digno e mais humano.

Porque, no fim, nenhuma máquina poderá amar por nós. Nenhuma máquina poderá perdoar por nós. Nenhuma máquina poderá segurar a mão de quem chora, consolar quem perde, ensinar quem duvida ou levantar quem caiu.

Isso continua a ser tarefa nossa.

E talvez seja essa a maior prova da nossa humanidade: num mundo cada vez mais rápido e mais artificial, continuarmos capazes de escolher o cuidado, a verdade, a justiça e o amor.

Que a consciência artificial nunca esqueça que nasceu da consciência humana.

E que a humanidade nunca esqueça que o seu maior avanço não será construir máquinas que pensam, mas continuar a saber amar, sentir, proteger a vida e

caminhar juntos rumo a um amanhã que não deixe ninguém para trás.

Com esperança, responsabilidade e fé no melhor que existe em nós,

Hermínio Cerqueira

8 de Novembro de 2026

Sintra, Portugal